



## Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo  
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

**Angela Albuquerque de Oliveira<sup>1</sup>**

### Reflexões sobre o Mito do Ragnarök

Reflections on the Myth of Ragnarök

---

#### **Resumo:**

Nosso estudo propõe analisar a narrativa de Ragnarök, a última batalha, encontrada na poesia éddica, da literatura escandinava, do século XIII. Por se tratar de um universo amplo, reduziremos a pesquisa à investigação a respeito de como essa sociedade se movia em busca da ordem diante do caos, mediante o anúncio da destruição do mundo que fatalmente representaria o fim dos homens e dos deuses. A metodologia envolve a perspectiva da teoria do mito conjuntamente com a pesquisa bibliográfica e sistematizadora do tema. Utilizaremos como referencial teórico as ideias de Bittencourt (2011), Cardoso (2006), Eliade (1992 e 2011), Goldeberg (2006), Hock (2010), Hume (2005), Langer (2000, 2001, 2005, 2006, 2012 e 2013).

#### **Palavras-chave:**

Escandinávia da Era Viking; Mitologia Escandinava; Ragnarök.

#### **Abstract:**

Our study proposes an analysis of the narrative of Ragnarök, the last battle, found in the Poetic Edda, of Scandinavian literature, from 13th century. Because it is a wide universe, we will reduce the research to investigate how this society moved in searching for order before the chaos, by the announcement of the destruction of the world that fatally would represent the end of men and gods. The methodology involves the perspective of the theory of myth together with the bibliographic and systematizing research about the theme. The ideas of Bittencourt (2011), Cardoso (2006), Eliade (1992 and 2011), Goldeberg (2006), Hock (2010), Hume (2005), Langer (2000, 2001, 2005, 2006, 2012 and 2013) will be used as the theoretical framework.

#### **Keywords:**

Viking Age Scandinavia; Scandinavian Mythology; Ragnarök.

---

<sup>1</sup> Economista e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

## 1. Introdução

A motivação desse trabalho e sua justificativa residem no desejo de elucidar como a sociedade escandinava se movia em busca da ordem diante do caos, mediante o anúncio da destruição do mundo, a batalha final, a que tudo sucumbiria, para que ressurgisse um tempo que vislumbraria a possibilidade de ordem, um novo tempo.

A sociedade escandinava tem origem nos povos germânicos que, devido uma expansão migratória, entre os séculos IV e VI, habitaram as regiões da Dinamarca, Noruega e Suécia. Tinha os campos e os mares como suas principais atividades econômicas de plantio e de pesca. Os chefes desempenhavam a execução circunstancial da liderança religiosa em seus aspectos públicos e sazonais.

Acreditamos que não há como falar sobre a sociedade escandinava, sem que nos debrucemos sobre o evento mitológico de Ragnarök, por considerá-lo um mito que anuncia a destruição do mundo, através de um embate entre os deuses e seus inimigos. Buscaremos na *Edda Poética* os textos proféticos que anunciam esse acontecimento cataclísmico, o final dos tempos. Como origem comum a esse mito, alguns pesquisadores fazem referências a essa narrativa, afirmando que a mesma guarda semelhanças com o Apocalipse ou juízo final, livro de *Eclesiastes* ou com as teorias milenaristas. Apesar de alguns estudos evidenciarem que o paganismo nórdico sofreu influência do cristianismo, enfatizamos que:

“A tendência predominante dos estudos mais recentes do paganismo escandinavo por historiadores das religiões consiste em encarar tal paganismo como uma religião altamente complexa, satisfatória para os que praticavam. Tratava-se, sem dúvida, de um conjunto de crenças e práticas baseadas em atitudes muito diferentes das que estruturavam o cristianismo” (Cardoso, 2006: 36).

Atualmente, estudos historiográficos se dividem em três concepções no que diz respeito à originalidade e às possíveis influências cristãs na construção da narrativa de Ragnarök.

“Em um ponto de vista historiográfico, podemos separar as concepções sobre o Ragnarök na academia em três ideias principais: os que acreditavam que as narrativas sobre o destino dos deuses germânicos seriam de base totalmente pagã; os autores que perceberam interferências cristãs sobre uma composição pagã e a recontaram após o registro escrito; e mais recentemente, os que defendem que o compositor original foi um pagão que sofreu influências de ideias cristãs durante o período de conversão” (Langer, 2012: 40).

Ao iniciarmos a análise dessa narrativa, por sua complexidade e por trazer à discussão o cotidiano desse povo, com seus aspectos político e cultural impregnados de religiosidade, parece-nos acertado fazê-la a partir do conceito de mito.

“[...] o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. [...] Em suma, os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenaturais, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar” (Eliade, 2011: 11 e 22).

Assim sendo, os mitos narram histórias que buscam refletir sobre a origem e funcionamento do cosmos e das sociedades, como os seres humanos interagiam diante dessa realidade de luta contra o caos, bem como o fim das sociedades desse cosmos. Nesse caso, a destruição do cosmos, de alguns deuses, que se daria numa batalha final. Sublinhamos que fogo, vento, água e terra são elementos que aparecem exercendo fortes representações dessas forças naturais, na narrativa, a exemplo do gigante do fogo, do gigante do gelo e do gigante da montanha.

A pesquisa teve como objeto a investigação da narrativa de Ragnarök, encontrada na poesia éddica, da literatura escandinava, do século XIII. Pretendemos que esse estudo seja também um momento de análise dessa sociedade, cujo mito do fim do mundo recai sobre a discussão acerca de como ela se movia em busca da ordem diante do caos, sobretudo, como esse evento era pensado, e como cada elemento é apresentado e se integra a esse desfecho final.

Além de uma coleta bibliográfica sobre os temas, delimitados nos livros, buscaremos referências em artigos especializados, na temática em foco, através da produção teórica de pesquisadores, como Bittencourt (2011), Cardoso (2006), Eliade (1992 e 2011), Goldeberg (2006), Hock (2010), Hume (2005), Langer (2000, 2001, 2005, 2006, 2012 e 2013), que construirá um referencial de subsídios teóricos que conduzirão esse trabalho. Recorreremos ao conhecimento encontrado na *Edda Maior* ou *Edda Poética* como nossa principal fonte de informação sobre a secular tradição épica, crenças e mitos escandinavos pré-cristãos. Considerada, antes de tudo, a essência da poesia escandinava, onde buscaremos os textos que norteiam essa narrativa. Essa coleção de poemas mitológicos escandinavos, gnômicos, éticos, mágicos, heróicos, guerreiros e aventureiros, de autores desconhecidos, em nórdico antigo, foi encontrada em vários manuscritos islandeses, principalmente no *Codex Regius*, do século XIII. São composições que se apresentam em cantos, em que

encontraremos a poesia popular e anônima da literatura escandinava, que foram difundidas pelos povos germânicos, já na época das migrações e algumas após a Era Viking.

A metodologia envolve a perspectiva da teoria do mito conjuntamente com a pesquisa bibliográfica e sistematizadora do tema. Procuramos identificar os valores que embasam o mundo em que estão inseridos os escandinavos, localizando nos poemas *Völuspá*, *Grimnismál* e *Vafþrúdnismál*. Esses textos foram escolhidos pelas informações relevantes contidas em cada um deles, que serviram de fonte de análise desse tema.

Dentro do recorte escolhido, objetivamos, em um primeiro momento, analisar a Escandinávia da Era Viking, século VIII ao XI, contextualizando o mito, conjuntamente com as influências sofridas por essa cultura no processo de expansão, através do mar báltico, pelo leste e norte europeu. Em seguida, examinaremos o paganismo nórdico no que concerne ao evento mítico de Ragnarök no cotidiano dessa sociedade de estrutura ruralista, mas reconhecidamente produtora de alta tecnologia de construção naval. Nas considerações finais, discutiremos os resultados, apresentando os possíveis caminhos que possam ser aprofundados em futuras pesquisas.

Pretendemos que esse trabalho represente uma análise sobre o longo processo de construção de uma cultura, na qual os povos escandinavos, paralelamente, foram estabelecendo uma maneira de pensar em sua eterna batalha, a saber, o mito de Ragnarök.

Esse aspecto religioso da sociedade escandinava sobre a motivação que impulsionava esse evento cataclísmico a ir em direção a uma desintegração cósmica, para que, em seguida, houvesse uma renovação da ordem, foi à razão da escolha desse tema.

## 1. O Paganismo Nórdico

### 1.1. As Migrações e a Formação do Povo Viking

A sociedade escandinava era proveniente de grupos dinamarqueses, noruegueses e suecos que migraram, do século IV ao VI, do norte da Escandinávia, para diversas regiões da Europa cristã, havendo sido realizadas maiores incursões na França e na Inglaterra. Nesse processo migratório, houve fortes mudanças culturais

que afetaram diretamente a língua falada, bem como outros aspectos dessa sociedade, inclusive, no que diz respeito à religião (Bittencourt, 2011: 43).

Os Vikings, dos séculos VIII ao XI, se estruturavam a partir das atividades bélicas e expansionistas, de comércio, de colonização e de exploração e pilhagem, através de saques. A organização política e composição cultural social se faziam com a mesma língua falada e com o alfabeto rúnico. Sociedade ruralista, guerreira, monogâmica e pagã, estava relacionada com a fertilidade e fecundidade. Tinha a família como centro da comunidade. Os campos e os mares eram suas principais atividades econômicas de plantio e de pesca. Possuíam um elevado conhecimento de tecnologia naval, construindo embarcações que eram utilizadas nas guerras e nas atividades comerciais. Os chefes desempenhavam a execução circunstancial da liderança religiosa em seus aspectos públicos e sazonais (Langer, 2005: 59).

Em defesa de sua territorialidade, a vida rural era organizada em assentamentos, com fortificações. Possuíam centros de poder monárquico semieletivo, nos séculos VIII e XI, sendo o chefe eleito em época de guerra, podendo ser destituído por outro. Assim sendo, apresentava conhecimento sobre a fabricação de arsenais bélicos e a construção de navios, que impulsionou tanto a exploração de outros territórios como o comércio marítimo (Langer, 2001: 04).

Os reis, os Jarls, eram homens ricos e proprietários de terra; os karls, povo livre, pequenos comerciantes ou lavradores e soldados do exército; e os Thralls, escravos prisioneiros de batalha, por dívidas e por crimes. Os reis estavam incumbidos das atividades relativas à economia e assuntos militares. Cada região se autogovernava através dos seus cidadãos (Langer, 2000: 02).

Convém ressaltarmos que há registros a respeito da dimensão dos ataques e da violência exercida pela pirataria nórdica contra os povos Anglo-Saxões, a partir do século VIII.

“A partir do ano 787 d. C, os Vikings, oriundos das regiões onde hoje se situam a atual Dinamarca e a Noruega, empreenderam os primeiros ataques de surpresa sobre a maior parte das Ilhas Britânicas. Após muita luta selvagem, eles finalmente, estabeleceram uma convivência relativamente pacífica com os Anglo-Saxões. Os atuais condados de Yorkshire, Derbyshire, Lincolnshire, Leicestershire, Norfolk e Suffolk ficaram subjugados ao regime dinamarquês. A língua escandinava, o nórdico antigo (*Old Norse*), possuía as mesmas raízes do anglo-saxônico (*Old English*), assim sendo, com o passar dos anos, as duas línguas começaram a se misturar nas áreas dos assentamentos vikings” (Bittencourt, 2011: 42).

É pertinente dizermos que os saques descritos sobre as cidades costeiras da Inglaterra, no século VIII, referem-se a grupos que praticavam pilhagem. E os ingleses, feitos prisioneiros, eram transformados em escravos. Após os ataques de Linisforme e Jarron, ocorreu uma trégua, de pelo menos quarenta anos.

“Os ataques desse período simplesmente consistiam em saques das cidades e mosteiros próximos às regiões costeiras. Vasos sagrados de ouro e de prata, sacrários adornados com joias, mantos valiosos e todos os tipos de objetos eram levados à força, e os povos ingleses eram capturados e escravizados. Exemplos notórios são os saques de Linisforme (ou Holy Island Ilha Sagrada) e Jarron, respectivamente, em 793 e 794. Porém, com as pilhagens desses mosteiros famosos, os ataques aparentemente cessaram por cerca de quarenta anos, sendo retomados em 834, ao longo da costa sul e da Mércia Oriental (na região das Midlands). Ao que tudo indica, as incursões desse período foram realizadas por pequenos bandos isolados” (Bittencourt, 2011: 44).

Ficou evidenciado que as atividades econômicas dessa sociedade de guerreiros, que mantinha uma estrutura rural, não se restringiam à pirataria. Nesse sentido, verificamos que, além de agricultores, os Vikings já exerciam outras atividades, como comerciantes, ourives, exploradores, colonizadores, guerreiros e artistas. Lembrando que, tanto quanto o guerreiro, o poeta tinha uma grande projeção social (Langer, 2001: 217).

Diante disso, a arte nórdica possibilita uma análise sobre os sinais de refinamento que possuía essa cultura, vindo de encontro aos estereótipos criados a respeito desses povos (Langer, 2006: 142).

Além da migração, estudos relacionados aos fatores climáticos fundamentaram as direções que tomaram as culturas dessa Era, associando-os como determinantes das atividades econômicas desenvolvidas e, por conseguinte, da organização social daquele povo.

“As histórias da raça humana e das suas culturas devem muito às variações do clima no passado. O conhecimento sobre os paleoclimas constitui um passo decisivo no entendimento sobre como nos tornamos naquilo que somos. Da mesma forma, não há dúvidas de que o nosso futuro será fortemente influenciado pelo clima. [...] O início do Holocênico (há aproximadamente 10000 anos) foi um período com uma influência antrópica restrita nos sistemas climáticos. Foi também nesse período que se iniciou a agricultura, aparentemente em vários locais, como por exemplo, no Levante e nos vales dos rios Yangtzé e Amarelo. Há cerca de 5000-6000 anos, os sistemas agrícolas difundiram-se pelo leste e oeste do continente Euroasiático e há 3000 anos vastas áreas em todo o mundo eram já cultivadas. [...] Os registros históricos demonstram

que essas anomalias de temperatura tiveram consequências expressivas nas sociedades. Nos períodos mais quentes, o cultivo do trigo ocorria mais a norte enquanto a produção de vinho acontecia o mais cedo possível. Na Pequena Idade do Gelo, os níveis de doença e a decadência agrícola em áreas marginais foram significativos” (Comité do Programa Científico do Ano Internacional do Planeta terra, 2007-2009: 1, 3 e 4).

O clima da costa da Noruega passou por um período quente, nos séculos IX e X, proporcionando a colonização da Islândia pelos Vikings. As variações climáticas, ocorridas no século XIII, afetaram a agricultura e a criação de animais.

“Existem registros históricos que permitem afirmar que em 874 os vikings aproveitaram as condições favoráveis do degelo para colonizar a Islândia em permanência. Antes a grande ilha estava abarrotada de gelo. Daí o nome de Iceland (terra de gelo). Durante alguns séculos, a colonização de escandinavos prosperou com um estável clima suave. A sobrevivência foi possível pela fertilidade dos solos. Os solos permitiram colheitas de cereais para a alimentação humana. Foi igualmente possível a pastorícia pela obtenção de alimentos para o gado caprino. Salienta-se que atualmente isto não é possível. O solo arável ficou prejudicado não só pelos mantos de gelo. Se dúvidas houvesse, isto prova que o Período Quente Medieval existiu com temperaturas superiores às atuais. Nos primórdios do século XIII apareceram os primeiros sinais de uma variação climática. O gelo começou a cercar a Islândia. As viagens entre a ilha e o continente tornaram-se mais difíceis e até perigosas. As colheitas e a criação de gado foram fortemente afetadas. Os colonos que partiram da Noruega deixaram de poder cultivar vários cereais facilmente obtidos durante o período de clima ameno” (Goldeberg, 2006: 05).

A religião era um reflexo daquele cotidiano rural em que, pela fé, se movia o fortalecimento da comunidade. Realizavam-se cultos aos ancestrais e às divindades voltadas à agricultura, à fertilidade e à guerra. Como não havia tanta necessidade de templos, esses cultos, em sua maioria, eram realizados próximos à natureza.

“Em uma cultura cujo fundamento econômico está baseado na agricultura, a terra não raramente ocupa uma posição importante na prática religiosa: com sua fertilidade, ela garante a sobrevivência. Do mesmo modo, céu, chuva, vento ou sol podem estar no centro da vida ritual, como garantes de fertilidade, crescimento e amadurecimento. O céu e o sol têm grande importância também nas religiões de povos de pastores nômades. Isso pode se manifestar, por exemplo, na associação frequente de nomes divinos e de conceitos do divino com o céu” (Hock, 2010: 105).

É preciso ressaltar que, em linhas gerais, o paganismo atribuía, para cada divindade, o desempenho de certo domínio, incorrendo em elementos alegóricos, físicos e morais. O deus da guerra era conhecido como furioso e cruel; o deus da

poesia denotava educação e amabilidade; o deus do comércio deveria ser desonesto e impostor (Hume, 2005: 54).

Cultuavam a Odín, representante das forças naturais, senhor da guerra, dos mortos e da vitória, o mais sábio de todos, trapaceador ou detentor de poderes mágicos, pai supremo. Deus de todos os deuses e das elites (dos magos, nobres, sábios e guerreiros). As deidades eram específicas das estruturas locais, como Freyr, Freya, Frigg, Vidar, Bálder, Thor e as valquírias, guerreiras que lutavam junto a Odín. Dois seres monstruosos são citados: Fenrir, o lobo gigantesco, e Jormungard, a serpente do mar que circulava o mundo.

Havia uma condição para ser elevado ao céu dos Vikings, a de ser um guerreiro. No entanto, não era suficiente ser um bravo guerreiro e morrer em batalha. Era preciso ser agraciado por uma valquíria, e assim, por ela, conduzido ao salão de Odín, o Valhalla. Haveria aqueles que seriam encaminhados ao salão de Freyja. Para os eleitos, isso não significava ter galgado a vida eterna. Pois pairava sobre esse céu a finitude que viria com o anúncio de uma batalha final.

## 1.2. A Criação

Do grande vazio que se fazia no caos primordial, a figura de Ymir surge como matéria-prima da criação. Constatamos que os poemas *Vaftrúdnismál* e *Grimnismál* trazem uma narrativa em comum a esse respeito, ficando evidenciado que foi a partir da morte desse gigante primordial que surgiu a vida, dando origem às espécies dos gigantes e dos deuses e suas descendências. Assim sendo, o pai de um Às provém de um gigante criado a partir de Ymir, do lado materno.

No poema *Vaftrúdnismál*, estrofe 21, encontramos o relato de um embate de conhecimento entre Odín e o sábio gigante, de nome Vaftrúdnir, que descreveu a origem da vida a partir da morte de Ymir. Odín, Vili e Ve matam o gigante e criam a terra. Em seguida, passou a narrar que “da carne de Ymir a terra foi criada; de seus ossos, as rochas; a abóbada celeste do seu crânio; e o mar do seu sangue” (Edda Poética, 1984: 67).

No poema *Grimnismál*, as estrofes 40 e 41 trazem relatos semelhantes sobre a origem do mundo, acrescentando que “dos cabelos de Ymir foram criadas as árvores; das sobrancelhas os deuses; Midgard para os homens; e do cérebro as nuvens furiosas” (Edda Poética, 1984: 83).

O poema *Völuspá*, estrofe 4, faz referência à criação a partir do mundo que emerge das águas. Entretanto, de modo similar aos poemas acima, traz o relato em que aparecem os gigantes Brimir e Blain envoltos com a criação. Cabe frisarmos que esses dois nomes se aplicam a Ymir. A adivinha diz à Odín, a partir da estrofe 3, que tudo o que havia era um grande vazio que surgiu do nada. Nem mesmo céu, terra, mar e ondas de vento existiam. Então, os filhos do gigante Bur, Odín, Vili e Ve ergueram o mundo das águas, fazendo surgir Mídgard. Ficou evidenciado, estrofe 2, que no princípio Yggdrásil, a árvore cósmica, tratava-se, tão somente, de uma semente não germinada. No princípio, o universo se apresentava atemporal. Nesse contexto, bem antes da ordenação do cosmos, a adivinha faz referência à aparição de um sol, no horizonte, ainda que trepidante. A estabilidade do cosmos é mantida pela força dos deuses Ases. O sol, a lua e as estrelas tomam os seus lugares. Assim, ocorreu a divisão entre dia, noite e as estações. Com a chegada das três poderosas gigantas, as nornas que teciam o destino, vindas de Jotunheim, a Era do ouro sucumbe. Em seguida, passa a discorrer sobre o fato que com o sangue de Brimir e os ossos de Blain, os deuses Ases criaram a raça dos anões. E com os vermes dos seus cadáveres, moldaram a inteligência humana (Edda Poética, 1984: 24 e 25).

Yggdrásil, cavalo de Odín, o centro do universo mítico escandinavo, sob a forma de árvore do mundo, detinha a ordem cósmica e do homem, representada sobre dois eixos. Composta por três dimensões cósmicas, dispostas verticalmente, a celestial (Asgard), morada dos deuses; a intermediária (Míddgard), dos seres humanos e gigantes, com ligação ao mundo superior através da ponte Bifröst; e a inferior ou submundo (Hellgardh, o mundo dos mortos), encontrava-se em Niflheim. Localizavam-se, horizontalmente, a terra média, o mundo dos homens, o oceano e a terra dos gigantes. A serpente é concebida como a destruidora do universo.

Ficou demonstrado que essas forças antagônicas gigantes e monstros, o caos, e deuses, a ordem, geraram um conflito que despertou a fúria cósmica, levada aos extremos, provocando a desintegração do universo. Os astros sol, lua e estrelas desapareceriam da abóbada celeste. As chamas atingiriam os céus, consumindo toda a sua extensão. Os heróis do Valhala, guerreiros que na Terra tinham morrido em combates, Einherjar, lutariam ao lado dos deuses. Essas divindades não acreditavam numa regeneração do cosmos atual. A ordem viria com a criação de um novo cosmos.

Ao examinarmos os poemas *Vaftrúdnismál*, *Grimnismál* e *Völuspá*, inferimos que em alguns pontos encontramos interrupções, sem que houvesse uma preocupação em dar continuidade à narrativa. Parece-nos acertado afirmar que é indício próprio de contexto de composição oral, conhecido por determinados grupo de ouvintes, em que não há uma preocupação da linearidade da composição e são

posteriormente escritos. A segmentação das ideias é própria de texto escrito, a exemplo do que iremos encontrar na narrativa da criação no livro de *Gênesis*, bem como em relação ao tempo e ao espaço. Quando relacionado ao passado, a contagem do tempo no *Völuspá*, quase sempre, se reporta a partir da existência de Ymir.

“A mitologia escandinava pré-cristã desenvolveu-se no contexto da oralidade. A escrita rúnica não era usada para uma redação detalhada de mitos. Acredita-se que a primeira fixação por escrito da *Völuspá*, principal poema cosmológico gerado na tradição daquela mitologia de que disponhamos, tenha ocorrido por volta do ano 1000, mesmo se, como a possuímos, provenha de cópia do século XIII tardia. Ora a *Völuspá*, manifesta nítidas características de um relato mítico proveniente da tradição oral. Na medida em que a audiência conhecia os mitos, não era necessário narrá-los em detalhes” (Cardoso, 2006: 36).

Nessa abordagem, dado a relevância de esclarecer alguns aspectos desses poemas da *Edda Poética*, houve a necessidade de recorrermos à narrativa do mito da criação, encontrada na *Edda em Prosa*, *Gylfaginning*, em razão de ser mais elucidativa, em alguns pontos, à proposta de nossa pesquisa.

No começo existia a fonte Hvergelmir. Um grande abismo Ginnungagap vazio se formou e a árvore cósmica Yggdrásil. Estabeleceram-se em suas raízes o reino de fogo, Muspell, e o de escuridão e névoa, Nifelheim. O caldeirão Hvergelmir, que alimentava as águas dos rios que percorriam Ginnungagap, lançou-se sobre ele formando blocos de gelo, atingido por Muspell. E das nuvens de vapor, provenientes do abismo, foram criados o espaço, o oceano e a terra. Do degelo surgiu o gigante Ymir, e dele, os gigantes e os demônios. A gigante Audhumla, que tinha a forma de vaca, quando lambeu o gelo mágico, libertou Búri. Esse deu origem ao primeiro Às, Bor, pai de Odín, Vile e Ve. Com a morte de Ymir, pelos filhos de Bor, as partes do seu corpo foram usadas na criação do mundo. Odín e seus irmãos deram vida à criação de humanos Ask e Embla, feitos de madeira. Numa outra narrativa, é do suor de Ymir que nasceram os primeiros humanos (*Edda em Prosa*, 1993: 52-54).

### 1.3. Os Mitos do Fim do Mundo

A ideia da destruição do universo se faz presente na cultura humana, desde os tempos védicos, e que faz supor que a eterna criação e destruição do cosmo seja um pensamento pan-indiano. Entretanto, há indícios que os povos indo-europeus conheciam o mito do fim do mundo. Por ter sido uma sociedade de estrutura

agrícola, já na Era neolítica, é pertinente dizer que o folclore religioso europeu resguardou o seu patrimônio pré-histórico.

A pesquisa comparativa é um procedimento que visa sistematizar informações de trabalho histórico-religioso, ordenando a diversidade das coisas. Sendo assim, utilizaremos a definição de comparação contextual:

“Nas últimas décadas a comparação contextual ganhou sempre mais importância. Baseia-se na ideia de que uma comparação de fenômenos diferentes provenientes de diferentes religiões deve não somente considerar o contexto dos fenômenos comparados, mas deve lhe atribuir uma importância especialmente alta: o lugar dos objetos comparados no sistema geral da religião, a ordem e as estruturas sociais, a forma econômica, a organização política etc.” (Hock, 2010: 95).

A razão da finitude da vida humana, explicada no mito sobre a origem da morte, se deve ao incidente que aconteceu em eventos míticos, depois da criação, e, como consequência, se perdeu a capacidade de renová-la infinitamente.

“Se o Mundo existe, se o homem existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio". Mas, após a cosmogonia e a criação do homem, ocorreram outros eventos, e o homem, tal qual é hoje, é o resultado direto daqueles eventos míticos, é constituído por aqueles eventos. Ele é mortal porque algo aconteceu in illo tempore. Se esse algo não tivesse acontecido, o homem não seria mortal — teria continuado a existir indefinidamente, como as pedras; ou poderia mudar periodicamente de pele, como as serpentes, sendo capaz, portanto, de renovar sua vida, isto é, de recomeçá-la indefinidamente. Mas o mito da origem da morte conta o que aconteceu in illo tempore, e, ao relatar esse incidente, explica por que o homem é mortal” (Eliade, 2011: 16).

Entre os povos arcaicos, são raros os mitos que tratam de um futuro fim em relação àqueles que narram o fim do mundo no passado. Bem como, são pouco frequentes mitos primitivos que não revelem informações a respeito de quando ocorreria a recriação do mundo. É pertinente dizermos que se torna difícil identificar quando o mito diz respeito a uma catástrofe passada ou futura. Resumindo:

“Numa fórmula sumária, poder-se-ia dizer que, para os primitivos, o Fim do Mundo já ocorreu, embora deva reproduzir-se num futuro mais ou menos distante. Com efeito, os mitos de cataclismos cósmicos são extremamente difundidos. Eles contam como o Mundo foi destruído e a humanidade aniquilada, com exceção de um casal ou de alguns sobreviventes” (Eliade, 2011: 53).

Sublinhamos que nas culturas, sejam elas ágrafas ou não ágrafas, os mitos são encontrados em toda a sua complexidade. Por se tratarem de tradições coletivas, eles fundamentavam as sociedades que não possuíam os textos sagrados, podendo a esses serem comparados. Frisamos que, especificamente, é a Etnologia da Religião que tem como objeto de pesquisa as sociedades ágrafas.

“Conforme a compreensão tradicional, a Etnologia da Religião lida com culturas ágrafas, ou seja, com culturas que desconhecem Escrituras sagradas. No entanto, nessas culturas, um papel comparável ao das Escrituras sagradas é desempenhado pelos mitos: como são tradições coletivas, não representa uma opinião individual, mas verdades com as quais toda comunidade se relaciona e nas quais ela se reencontra, nas quais ela até se sabe fundamentada” (Hock, 2010: 145).

Defende Eliade que o homem das sociedades tradicionais era religioso. À medida que o homem moderno assumiu uma vida profana, ocorreu a dessacralização do mundo. Segundo ele, é possível identificar comportamentos religiosos, não somente nas “pequenas religiões”, mas até mesmo em movimentos que se consideram laicos e antirreligiosos. Assim, explica:

“É preciso, dizer desde já que o mundo profano na sua totalidade, o Cosmos dessacralizado, é uma descoberta recente na história do espírito humano. Não é nossa tarefa mostrar mediante quais processos históricos, e em consequência de que modificações do comportamento espiritual, o homem moderno dessacralizou seu mundo e assumiu uma existência profana. Para o nosso propósito basta constatar que a dessacralização caracteriza a experiência total do homem não religioso das sociedades modernas, o qual, por essa razão, sente uma dificuldade cada vez maior em reencontrar as dimensões existenciais do homem religioso das sociedades arcaicas” (Eliade, 1992: 140).

Mesmo que vivesse num mundo dessacralizado, ainda assim o homem não seria inteiramente racional. Portanto, é constituído por uma atividade consciente e por experiências irracionais. Afirma o autor que “os conteúdos e as estruturas do inconsciente apresentam semelhanças surpreendentes com as imagens e figuras mitológicas” (Eliade, 1992: 101).

Os mitos escandinavos apresentavam, em suas narrativas, deuses e entes sobrenaturais que não faziam parte do mundo cotidiano. Além de deuses que personificavam a ordem, gigantes e monstros, inimigos dos deuses, o caos, essas narrativas trazem uma variedade de entes, como valquírias, anões, dragões, duendes, serpentes, elfos de luz e elfos escuros que possuíam um papel menor, gnomos e sereias. Os gigantes eram seres antropomórficos, possuindo caráter positivo e negativo, ordem e caos. Na mitologia original, as gigantas podiam tanto ser de

estatura alta quanto baixa. Os monstros estavam ligados à desordem. Os anões eram seres grotescos que estavam ligados à monstruosidade, aparecendo como seres rejeitados pelos deuses. Os animais encontrados, nesses textos, assemelham-se aos das fábulas, como: cavalos de oito patas, corvos que retornam de mundos para relatar os acontecimentos, lobos, bodes, águias e a gigante Audhumla, que tinha a forma de vaca. Pontifica Eliade que:

“Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos, sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos ‘primórdios’. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a ‘sobrenaturalidade’) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do ‘sobrenatural’) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural” (Eliade, 2011: 11).

#### 1.4. A Narrativa Mítica de Ragnarök

A mitologia escandinava é marcada pela narrativa de Ragnarök, citada nas *Eddas Poética* e em *Prosa*. Procuramos nos poemas sobre essa batalha, principalmente no *Codex Regius*, que descreve o ciclo de crenças dessa concepção pagã. Trata-se de eventos futuros, em que sinais, seguidos de desastres na natureza, se pronunciariam, havendo de ocorrer até a submersão do mundo nas águas.

Ragnarök, consumação dos destinos dos poderes supremos, ou ainda ragnarökr, crepúsculo dos poderes supremos, presumindo-se que tenha sido narrado oralmente na Era pagã e posteriormente compilado (Langer, 2012: 3).

Como origem comum a esse mito, alguns pesquisadores fazem referências a essa narrativa, afirmando que a mesma guarda semelhanças com o *Apocalipse* ou juízo final, do livro de *Eclesiastes*, ou com as teorias milenaristas. Apesar de alguns estudos evidenciarem a influência do cristianismo nesse evento, enfatizamos que pesquisas recentes demonstram que o paganismo escandinavo guardava suas estruturas próprias.

“A tendência predominante dos estudos mais recentes escandinavo por historiadores das religiões consiste em encarar tal paganismo como uma religião altamente complexa, satisfatória para os que praticavam. Tratava-se, sem dúvida, de um conjunto de crenças e práticas baseadas em

atitudes muito diferentes das que estruturavam o cristianismo” (Cardoso, 2006: 36).

Atualmente, estudos demonstraram que há três abordagens a respeito dessa narrativa.

“Em um ponto de vista historiográfico, podemos separar as concepções sobre o Ragnarök na academia em três idéias principais: os que acreditavam que as narrativas sobre o destino dos deuses germânicos seriam de base totalmente pagã; os autores que perceberam interferências cristãs sobre uma composição pagã e a recontaram após o registro escrito; e mais recentemente, os que defendem que o compositor original foi um pagão que sofreu influências de idéias cristãs durante o período de conversão” (Langer, 2012: 04).

Texto de caráter heróico, guerreiro e aventureiro. Seus mitos, heróis e guerreiros são admirados na sociedade. É pertinente lembrarmos que já havia, nos séculos VIII e IX, representações visuais sobre a mitologia nórdica. No entanto, não foram encontradas imagens pagãs a respeito do tema do Ragnarök. Em sua maioria, reportava-se a figura de Odín (Langer, 2012: 08).

Esse evento descreve o pensamento da crença escandinava, da era pagã, sobre a batalha final, em que era prevista uma fúria cósmica que atingiria o centro do universo, a abóbada celeste, a partir do qual tudo se ligava. A força dos astros e dos fenômenos que os acompanhavam se constituíam em fortes elementos que dariam início a instabilidade do cosmos. É narrado no poema *Völuspá* que a ameaça de destruição do universo era constante, frisando que, desde a criação, o Sol e a Lua eram perseguidos pelos lobos, Skoll e Hati. Ragnarök é o evento cataclísmico através do qual ocorreria uma desintegração cósmica do universo, para, em seguida, surgir um novo mundo. Nesse contexto, fenômenos cósmicos e astronômicos, registrados em pedras rúnicas, trouxeram influências às narrativas e às imagens mitológicas (Langer, 2013: 98).

Lembramos que a ordem cósmica, estrofe 6, do poema *Völuspá*, se deu a partir de uma decisão tomada pelos deuses, em alto conselho, em que ficou definido o lugar de cada astro, a divisão do tempo em dia e noite, e as estações (Edda Poética, 1984: 24).

Apesar da cristianização, as religiões e as mitologias encontradas nas tradições das populações rurais, na Europa meridional e no Sudeste europeu, demonstraram resistência. Nesse sentido, Eliade alerta que, por ter uma dimensão cósmica, as religiões pré-cristãs não somente foram toleradas, como assimiladas pela própria Igreja. Por isso, disse ele:

“[...] As religiões e mitologias populares, as únicas formas pagãs viventes no momento do triunfo do cristianismo (mas sobre as quais quase nada sabemos, porque elas não foram expressas por escrito) sobreviveram cristianizadas, nas tradições das populações rurais. As criações populares, onde ainda sobrevivem o comportamento e o universo míticos, serviram algumas vezes de fonte de inspiração para alguns grandes artistas europeus. Mas tais criações populares jamais desempenharam um papel importante na cultura. Elas acabaram por ser considerados “documentos” e, como tais, despertam a curiosidade de alguns especialistas. Para interessar a um homem moderno, essa tradicional herança oral deve ser apresentada em forma de livro...” (Eliade, 2011: 139-140).

A batalha final foi travada entre deuses, liderados por Odín, gigantes e monstros, liderados por Loki. Com os deuses vieram os guerreiros, Einherjar, heróis do Valhala que, na Terra, haviam morrido em combate. A batalha teve lugar na planície de Vigrid, que media 100 km em qualquer direção. Odín foi morto pelo lobo Fenrir. Deuses, gigantes e monstros, assim como Loki, sucumbiram. Na luta, a Terra e o universo pereceram. O Sol e a Lua foram engolidos pelos lobos. A serpente é concebida como a destruidora do universo. E Surt, senhor do Múspel, incendiará a Terra.

O cosmos ressurge. O Sol e a Lua passam a existir, uma nova terra emerge das águas, e um casal de humanos trará uma nova descendência. Sobrevivem os filhos de Thor e Odín.

#### 1.4.1. Os Sinais

Dentro de quatro Eras seria esperada a submersão do mundo nas águas. E do encontro entre o fogo e o vento, o céu arderia em chamas. Não haveria mesmo salvação para o universo, ameaçado desde a criação. Teria início uma guerra em Mídgard. Parece-nos acertado dizer que o relato trata das consequências que o cosmos haveria de sofrer, juntamente com um tempo em que o desentendimento, entre irmãos e parentes, provocaria guerra, ódio e violência.

Odín, o mais sábio dos deuses, partiu inquieto, esperando descobrir o que o destino reservava aos deuses, através dos conhecimentos guardados pela vidente e pelo gigante Vaftrúdnir.

No poema *Völuspá*, a vidente no relato a Odín, estrofe 45, alertou-o a respeito dos sinais que se antecipariam às mudanças pelas quais o universo passaria,

provocando uma grande catástrofe, o fim dos deuses. Eles viriam dos céus, indícios visíveis de transformações na natureza, céu, sol, lua, estrela e mar. O mundo passaria pelas Eras de machados, de espadas, de ventos. E por último, a fúria cósmica, a Era de lobos que traria catástrofes. Ocorreria um tempo de horrores, com contendias entre irmãos, provocando lutas e mortes, em que parentes entrariam em discórdias, se ocupariam de atos incestuosos, e prática de adultérios (Edda Poética, 1984: 32).

Aconteceria uma desintegração cósmica. Na descrição encontrada no poema *Völuspá*, os lobos Hati e Skoll devorariam a lua e o sol. E o céu, estrofe 41, se cobriria de sangue quando a lua fosse consumida. É narrado, na estrofe 40, como Fenrir, filho de Loki adquiriu a forma de monstro, Nidhogg, devorando a lua, enquanto que o sol seria devorado por seu irmão Skoll. A terra seria imersa na escuridão, estrofe 41, pois a luz do sol já não mais a iluminaria. O vento e o fogo se uniriam, levantando chamas, produzindo rachaduras, estrofe 52, no céu. As estrelas, estrofe 57, cairiam do firmamento. (Edda Poética, 1984: 41-57).

A vidente, estrofes 31-33, do poema *Völuspá*, começa a descrever o assassinato de Bálder por seu irmão cego Hod, filho de Odín, que, enganado por Loki, atirou-lhe um dardo de visgo. Frigga, empedida por Loki, não consegue trazê-lo de volta ao submundo. Odín fala ao ouvido de Bálder, no seu leito de morte, estrofe 54, do poema *Vaftrudnismál*. A serpente de Midgard, estrofe 50, traria dilúvio e maremoto. O céu e a terra seriam atingidos pelo fogo e pelo dilúvio. Ela descreve o chamado para a batalha, a morte de muitos dos deuses e como Odín seria assassinado (Edda Poética, 1984: 29-33).

A terra seria coberta de neve. Haveria três invernos que se seguiriam infinitamente, chamados de grande inverno, Fimbulvetr, estrofe 44, do poema *Vaftrudnismál*. Em seguida, mais três invernos ocorreriam. O casal de humanos, Lif e Líftrásir, estrofe 45, protegidos sob as raízes de Yggdrásil, daria origem a outras gerações, assim, povoando o mundo. É com a linhagem do deus Odín, estrofe 51, que o cosmos seria repovoado. Os deuses sobreviventes, Vídar e Vali, são filhos de Odín. E Modi e Magni, filhos de Tór (Edda Poética, 1984:71-72).

#### 1.4.2. A Representação do Final do Mundo

Ao selarem um acordo de paz, na primeira guerra, Ases e Vanes trocaram reféns. Os Vanes entregaram os deuses Njord e seus filhos Freya e Freyr, enquanto os Ases enviaram Honir e Mimir. Logo, os Vanes entregaram Kvasir. Loki e gigantes são presos pelos Ases.

Não obstante, um novo embate se anuncia. Os lobos míticos iniciaram a perseguição em que Skoll, perseguidor do Sól, e Hati, perseguidor da Lua, devoram Sól e Mani. Na mitologia, esses lobos provocam os eclipses solares e lunares.

Diante desses acontecimentos, a terra estremeceu ocasionando a libertação de Loki, Fenrir e outros seres. Assim, desencadeou o Ragnarök. A grande batalha final se deu entre as forças das divindades Ases, Vanes, os espíritos naturais, e dos guerreiros do Valhalla, Einhejar, que se confrontou com as forças dos gigantes do gelo, do exército dos mortos de Hel, da deusa do inferno, de Loki e dos lobos. Nos embates entre Odín e Fenrir, ambos foram feridos de morte. Bálder foi morto por Hod. Jomungard vomitou veneno mortal espalhando-o pelo mundo. Thor golpeou a serpente fatalmente, mas o veneno que ela continha o atingiu. Loki e Heimdall se enfrentaram, matando um ao outro. Surt, o senhor do Múspel, o mundo do fogo, comandou os monstros. O céu foi atingido por suas chamas, rachando-se.

## 2. Considerações finais

O paganismo nórdico tem sua estrutura própria, diferenciada de outros paganismos. Desconstrói e renova a ideia de mito, vindo de encontro, por exemplo, aos deuses do Olimpo. As narrativas são movidas pelo cotidiano de uma sociedade ruralista e pelas forças naturais encontradas na paisagem escandinava, céu, montanhas, fiords, rios e ventos. Em razão disso, os registros de fenômenos naturais e astronômicos, encontrados em pedras rúnicas, traduz o quanto esses acontecimentos tiveram influências na sua construção.

O seu panteão é construído em consonância com essas forças vitais, sem uma preocupação de apresentar deuses imortais, de grande poder e livres de sofrimento. A sabedoria não era dada aos deuses como um dom natural. Passavam por sacrifícios e sofrimento para alcançá-la. E não são imortais. Ragnarök, para alguns deuses, é o fim, bem como do cosmos. Por conseguinte, dos homens que buscam a restauração da ordem. Assim, estão muito mais próximos da ideia de heróis, acessível ao povo, do que aos deuses de outras culturas.

De acordo com Hock, há uma diversidade de formas de comparação. Não podemos apenas, através de uma ordenação da diversidade das coisas, comparar determinado sistema religioso a outro, sem que se guardem tanto as semelhanças como as diferenças. Para compararmos a narrativa de Ragnarök do paganismo nórdico ao relato do fim do mundo de outra religião, afirmando que tenha recebido influência cristã, faz-se necessário que consideremos o contexto dos fenômenos comparados, além de “lhe atribuir uma importância especialmente alta: o lugar dos

objetos comparados no sistema geral da religião, a ordem e a estrutura social, a formação econômica, a organização política etc” (Hock, 2010: 95).

O caos estabelecido entre os deuses expandiu-se por todo o universo, onde as forças contrárias plantaram um tempo de acontecimentos tenebrosos que precederiam à destruição do mundo, tempos de machados, de espadas, de ventos e de lobos, semeando o desentendimento entre irmãos, provocando lutas e mortes.

O poema *Völuspá*, estrofe 52, se refere ao relato em que o céu se fragmenta. A fúria cósmica dá início à desintegração no céu escandinavo, em que os lobos Skoll e Hati devoraram o sol e a lua, e Fenrir matou o deus dos deuses, Odín. Um deus sacrificado para a renovação da vida e do cosmos. Parece acertado que o destino dessas divindades já era sabido pelas nornas, lá no princípio. Assim, entendiam que não era possível vencer o confronto, evitando que o freixo Yggdrásil fosse atingido pelo caos que o destruiria. Sequer tentaram deter o lobo Fenrir ou tirar-lhe a vida.

Os deuses não acreditavam que fosse possível a regeneração do cosmos existente. E sim, na destruição de todas as coisas, inclusive de si mesmo, para que ressurgisse o universo, uma nova ordem. Observamos que esse aspecto das narrativas descreve a impossibilidade dos deuses salvarem-se e ao cosmos, resignando-se a um destino que denota um acontecimento esperado e natural. Diante de todo o caos ali estabelecido, fora impossível aos deuses vencerem essa batalha, nem por todos os poderes que exerciam, nem pela magia.

Para a regeneração do cosmos, haveria de se passar por uma destruição total, livrando-se de todo o caos, para que só então resplandecesse a ordem. Desse modo, não haveria outra possibilidade de restaurá-lo, senão pelo sacrifício da morte, para se estabelecer a vida desse universo escandinavo. Somente a alguns filhos dos deuses foram permitidos a vida e a um casal de humanos.

Ressaltamos que Bálder e Hod, surpreendentemente, retornaram do mundo de Hel, passando por uma espécie de ressurreição. A narrativa não explicou como se deu esse acontecimento, tornando-se um aspecto curioso desse evento divindades que venceram o mundo dos mortos. Sendo deuses, Bálder e Hod não precisariam descer a Hel, para, em seguida, ressuscitarem. Em certo sentido, seria uma explicação de como se deu a continuidade do universo através daqueles que de alguma forma tiveram suas vidas de volta, transcendendo a morte, para justificar a perpetuidade da vida. E para que o cosmos, os deuses e os homens fossem fertilizados.

Diante dessa proximidade dos deuses com os homens, acreditamos que essa sociedade tenha preservado os seus mitos, resistindo à cristianização.

Esse estudo não teve a intenção de esgotar o assunto, mas de levantar questionamentos para que esse tema continue a ser motivo de outros trabalhos.

## Referências

### Fontes

*Edda Mayor* (1984). Tradução e notas de Luis Lerate. Madrid: Alianza Editorial, S. A.

Sturluson, S. (1993). *Edda em Prosa*. Tradução, apresentação e notas de Marcelo Magalhães Lima. Rio de Janeiro: Numen.

### Bibliografia

Bittencourt O., J. (2011). Topônimos escandinavos nas ilhas britânicas. *Brathair. Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, 11 (1). Disponível em: <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/697/622>>.

Cardoso, C. F. (2006). Aspectos da cosmogonia e da cosmografia escandinava. *Brathair. Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, 6 (2). Disponível em <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/557/482>>

Comité do Programa Científico do Ano Internacional do Planeta Terra (2007-2009). Alterações climáticas – registros nas rochas. s. l. Disponível em <<http://biblioteca.climantica.org/resources/13/brochura5-web.pdf>>.

Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Eliade, M. (2011). *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Goldberg, F. (2006). *Some selected climate events from historical records*. Palestra proferida no Simpósio internacional Global Warming-Scientific Controversies in Climate Variability, organizado pelo Real Instituto de Tecnologia. Estocolmo. Disponível em: <[http://mitos-climaticos.blogspot.com/2006\\_10\\_01\\_archive.html](http://mitos-climaticos.blogspot.com/2006_10_01_archive.html)>.

Hock, K. (2010). *Introdução à ciência da religião*. São Paulo: Edições Loyola.

Hume, D. (2005). *História natural da religião*. Tradução, apresentação e notas de Jaimir Conte. São Paulo: Editora UNESP.

Langer, J. (2000). *Aspectos básicos da história e sociedade dos Vikings*. Disponível em: [http://www.nethistoria.com.br/secao/artigos/497/aspectos\\_basicos\\_da\\_historia\\_e\\_sociedade\\_dos\\_vikings/](http://www.nethistoria.com.br/secao/artigos/497/aspectos_basicos_da_historia_e_sociedade_dos_vikings/).

Langer, J. (2001). Fúria Odínica: A criação da imagem oitocentista sobre os vikings. *Varia História*, Belo Horizonte, nº 25, jul/01. Disponível em [https://www.academia.edu/752739/.../Furia\\_odinica\\_VARIA\\_HISTORIA\\_A\\_criacao\\_da\\_imagem\\_oitocentista\\_sobre\\_os\\_vikings\\_25\\_2001](https://www.academia.edu/752739/.../Furia_odinica_VARIA_HISTORIA_A_criacao_da_imagem_oitocentista_sobre_os_vikings_25_2001).

Langer, J. (2005). Religião e magia entre os Vikings: Uma sistematização historiográfica. *Brathair. Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, 5(2), 55-82. Disponível em: [www.academia.edu/752818/Religiao-e-magia-entre-os-vikings-uma-sistematizacao-historiografica-Brathair-5-2005](http://www.academia.edu/752818/Religiao-e-magia-entre-os-vikings-uma-sistematizacao-historiografica-Brathair-5-2005).

Langer, J. (2006). As estelas de gotland e as fontes iconográficas da mitologia viking. *Brathair. Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, 6(1), 10-41. Disponível em: <http://ufpb.academia.edu/JohnniLanger>. Acesso em 18/02/2014.

Langer, J. (2012). *A morte de Odin?* As representações do Ragnarök na arte das Ilhas Britânicas (séc. X). *Medievalista*, nº 11, (Janeiro-Junho 2012). Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA/langer1108.html>

Langer, J. (2013). O céu dos vikings: uma interpretação etnoastronômica da pedra rúnica de Ockelbo (Gs 19), *Domínios da Imagem* 6 (12), 97-112. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/212/128>.

**Recebido:** 14 de abril de 2014

**Aprovado:** 25 de julho de 2014